

DAS “VERGONHAS”: OBSERVAÇÕES PARADISIÁCAS E RELATOS DAS GENITÁLIAS INDÍGENAS NA *CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA*

Denílson Lima Santos (Mestrando, UEFS)

denilsonlimas@gamil.com

RESUMO: Este ensaio se propõe discutir sobre os relatos da nudez dos índios n’A *Carta* de Pero Vaz de Caminha e sua semelhança com a concepção de mundo em transformação que permeava o imaginário português nos anos de 1500. A visão de uma terra paradisíaca sedutora e, ao mesmo tempo, a moralidade cristã entram em choque no encontro das duas culturas: a do europeu e a do nativo que habitava o Brasil no tempo do descobrimento. Contudo, apesar das descrições da beleza indígena, a necessidade de catequizar o outro aparece obsessivamente na narrativa de Caminha e isto nos chama a atenção como leitores de uma época contemporânea em transformações.

PALAVRAS-CHAVE: fé; alteridade; nudez.

1. PRELIMINARES

No ideário da Literatura de Viagem, percebemos as mais inusitadas narrativas sobre terras perscrutadas, homens e mulheres autóctones, da natureza e seus elementos até com *pitadas* de ficção científica. Tudo isso não é nada mais que um olhar sobre o outro. Um descortinar de inovações que se aproxima das vistas e pode colorir o real. Este outro que a princípio é um insólito desconhecido e que mais tarde tende a tornar-se um ameaçador oponente à exploração do território descoberto. Além do mais, a

diferença entre o modo de vida, tendo como relevância a fé e a organização comunitária, será um mote, desde as primeiras narrações até as crônicas de viajantes que aportaram nestas terras.

Em relação aos viajantes e descobridores, podemos encontrar narrativas que estão rodeadas de certa surpresa com o desconhecido. A imagem que salta aos olhos daquele que chega a um lugar é de surpresa e maravilhamento — pensemos nesta possibilidade observando a concepção de mundo do século XVI —, pois o outro descoberto é um ser estranho e incógnito. A idéia de um mundo uno e teocrático se desmantela no final da Idade Média, instaurando a Idade Moderna com heranças ainda fortemente cristãs católicas. Para a Europa, descortinava-se um novo mundo, ou melhor, que mais tarde será nomeada de América.

Todo o nosso mundo. O Mundo Novo foi construído a partir de uma radical experiência de ruptura: o homem novo, que pelas navegações parece incompatibilizar-se com suas próprias raízes, promete a si mesmo um mundo totalmente outro. Sua missão é nova: a construção de um mundo realmente inédito. Portanto, a ruptura veio com toda a força de sua violência — a violência, diga-se logo, das mutações necessárias. (BORNHEIM, 1998, p. 18).

O evento das navegações, no caso de Espanha e Portugal, se entrecruza com uma concepção de mundo em mudanças. As estruturas de pensamento, ou até mesmo da sociedade se transformavam com novos parâmetros filosóficos. A solidez da humanidade em suas crenças estava ruindo. Até mesmo a idéia de um *paraíso espiritual* se transmutava na possibilidade deste mundo material comportar o *paraíso celestial*, entretanto, não se distanciava da mesma idéia do paraíso da doutrina cristã católica. Pode-se até compreender, como afirma Sérgio Buarque de Holanda: “Já ao tempo de Colombo, a crença na proximidade do Paraíso Terreal não é uma sugestão metafórica ou

uma passageira fantasia, mas uma espécie de idéia fixa (...)” (2004, p.13). É a idéia de um paraíso aqui na terra que permeia o imaginário dos primeiros europeus que chegaram às Américas. No entanto, o pensamento possível da humanidade daquela época em construir um mundo novo, ganhou força com o achamento de gente diametralmente oposta ao tipo que os navegadores já conheciam. A formulação de um diferente contorno de ver e de estar aqui na terra instaurou-se com a violência, esta se configurou não somente na nuance física, mas, sobretudo, na cultural.

Aliada às descobertas do Novo Mundo pelos europeus — o que mais tarde se chamaria de América — estava o poder espiritual da Igreja. Basta rever manuais de história para confirmar que os reinos da Idade média estavam atrelados ao poder papal.

Como se sucede sempre em tais casos, os cristãos europeus trataram de enfrentar a nova situação surgida com o descobrimento da América com base em diversos antecedentes que lhe pareciam aplicáveis. Um deles era a história das cruzadas. Nelas, os papas tinham declarado guerra aos infiéis, e haviam confiado a certos soberanos cristãos o comando dos exércitos. Quando tais empreendimentos resultavam ter bom êxito, os papas outorgavam, ou pelo menos reconheciam, os direitos de posse sobre as terras conquistadas, como sucedeu, por exemplo, ao fundar o reino latino em Jerusalém. (GONZALEZ, 1995, p. 51).

Encorajados por um momento em que as transformações de mentalidades se aguçavam — sobre isso podemos pensar nas estruturas abaladas da fé cristã que ruíam —, e, assim, se encontravam de um lado a Reforma Protestante e de outro a Contra-Reforma. Era necessário expandir o reino e dilatar a fé, pelo menos, eram motes que encontramos nos relatos de viagens, em especial na *Carta* de Pero Vaz de Caminha. O que em tempo histórico podemos comparar com a corrida armamentista da chamada Guerra Fria, no século XVI a Europa vive *em pé de guerra* religiosa, porém, vale

ressaltar, que isto vinha antes com as Cruzadas e, no auge do descobrimento, as lutas se travam dentro do próprio cristianismo.

A necessidade de navegação e o encontro de novas terras tornaram-se um simulacro da urgência de uma política de expansão. Portugal precisava alargar suas fronteiras de exploração e, sobretudo tinha que se impor no mapa europeu. Isto era crucial para validação de riqueza e poder diante de outros reinos do Velho Mundo.

Nos encontros de cultura, neste intercambio de modos de vida é que se pode ver a descoberta do outro e as observações físicas que Pero Vaz de Caminha dispôs em sua carta. É neste contexto de uma ruptura de mundos que o português chega aqui e se embevece com a natureza na sua plenitude. Esta mesma natureza que salta aos olhos implicará no plano de fundo para a narração do espetáculo do achamento da terra,

aliás, os relatos de viagem sempre estiveram envoltos por uma aura de mistério e encantamento (e isto é que os torna agradavelmente sedutores), ainda que, mesmo com status de relato histórico queira-se objetivo e atenha-se ao que ‘realmente’ aconteceu. Razão pela qual o elemento maravilhoso vai estar sempre associado às narrativas das viagens dos descobrimentos. (SANTANA, 2007, p. 72).

A viagem apresenta três elementos que supostamente lhe dá uma dinâmica: ver, saber e apropriar-se. A atitude de ver é primordial para sanar as dúvidas daquilo que se procura. Estar diante do que se quer achar é a primeira ação para efetivar o saber. Este mesmo saber outorga ao viajante um posto de poder. Ele apreende o que os outros querem. Tem a força de deliberar o conhecer. E assim, pode de maneira ditatorial, apropriar-se do que se encontra.

Nesta trilha de maravilhamento, Pero Vaz de Caminha, além de descrever os aspectos físicos da terra, se deterá no detalhamento das *vergonhas* indígenas. Confere

então ao seu texto a visão do novo, o saber sobre o outro e apropriação de *verdades* sobre atitudes culturais do desconhecido.

2. EU E O OUTRO

De modo geral, o europeu, quando chegou às terras americanas, surpreendeu-se com a maravilhosa fauna e flora. Além do mais, o elemento humano que aqui estava era seu oposto em língua, costumes e aparência física.

El primer contacto entre españoles e indígenas fue un total y mutuo desconcierto; ambos se vieron como seres extraños, separados por modos de cultura, valores espirituales y lenguajes diametralmente opuestas que, al parecer, representaban obstáculos insuperables. (OVIEDO, 1995, p. 72).

O primeiro encontro entre os povos europeus (espanhóis e portugueses) e os indígenas se constitui numa questão primariamente de estranhamento. Um descortinar de novidades e seres reciprocamente incógnitos. O estranho desvelar da vida sem notas de rodapé ou explicações. O que valia era as impressões de ambos: do *descobridor* e do *descoberto*.

Notadamente n'A *Carta* de Pero Vaz de Caminha, no que se refere ao encontro com os indígenas, primeiro é descrito, estritamente, o aspecto físico: a natureza do lugar e a cor dos seres ali encontrados. No transcorrer da descrição, a nudez será objeto de intensa observação. A atitude desprovida de uma moral e jeitos próprios da cultura europeia chamaram a atenção dos primeiros portugueses que por esta terra chegaram. Este imaginário obcecado pelo tempo, espaço e formas diferentes, surpreendeu os navegantes e povoou em suas mentes as narrativas míticas.

O imaginário se alimenta de si mesmo. Ele não precisa do real para se processar. É uma espécie de ciclo que se cria e recria por sua própria energia. Se for assim, como moldurar a matriz mental ao que se vê pela primeira vez? A princípio, para responder a esta pergunta, necessitaria de uma intensa pesquisa psicológica — o que não faremos aqui —, porém se voltarmos os olhos para os aspectos antropológicos das literaturas de viagens, percebemos que o viajante vê o que a matriz mental permite ver. Neste caso o europeu, para ser mais específico, Pero Vaz de Caminha, trazia consigo elementos de sua cultura que iriam redesenhar sua visão paradisíaca daquele momento.

O achamento da nova terra, além de significar a expansão da riqueza da coroa portuguesa, representava também a dilatação do Evangelho. A atitude de catequização do povo encontrado era uma preocupação recorrente na mentalidade dos navegadores e revelada no texto do achamento:

E, portanto, se os degredados, que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa intenção de Vossa Alteza, se hão de fazer cristãos e crer em nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque, certo, esta é gente boa e de boa simplicidade. (CAMINHA, 1996, p.54).

A atitude de Pero Vaz de Caminha é de uma concepção cristã, pois o reino e o evangelho se fundiam na busca de novas terras. “A Carta cumpre uma precisa função ideológica, toda centralizada no programa da catequese e da conversão religiosa do ‘outro’” (SIMÕES, 1985, p.13).

A mansidão do índio brasileiro foi a primeira atitude para estabelecer com os portugueses uma comunicação inicial, embora Pero Vaz de Caminha afirme não haver entre eles (descobridores) e os outros (os descobertos) nenhuma comunicabilidade “Ali não pôde deles haver fala, nem entendimento de proveito, por o mar quebrar na costa” (CAMINHA, 1996, local citado). Isto se fez contraditório n’A Carta quando o narrador

informa que: “Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os pousaram” (idem, 1996 p.34). Se os nativos seguem a instrução de Nicolau Coelho, denota assim que houve a compreensão da mensagem. Mesmo acontecendo a atitude de abaixar as armas por parte dos indígenas, o narrador não compreende que este jeito é uma forma de comunicação. A fala inteligível, para os portugueses, seria a única forma de entendimento entre eles. Ainda assim, a hipótese da não comunicação estaria, a priori, no barulho das ondas; entretanto, “no primeiro contacto com os índios, a atenção dos portugueses concentra-se na tentativa de decifrar a linguagem gestual, seguindo a interpretação que mais interessava os reais objetivos da viagem” (SIMÕES, 1985, p. 14). Por este interesse compreendem-se as riquezas que a nova terra pudesse dar: ouro e prata.

A tentativa de gestos e palavras vai permear a narrativa de Caminha e tentar expor para o leitor que os navegantes daquele momento pareciam encontrar o que queriam: o ouro e a prata. Isso é bem visível quando Caminha relata que os índios olhavam para o colar de ouro do capitão e ao mesmo tempo apontavam para a terra. Os descobridores viam nestes gestos a vontade de encontrar a riqueza: “Isto tomávamos nós assim por assim desejarmos” (CAMINHA, 1996, p.37).

Além de ouro, fé e a expansão do reino português, a visão de uma ilha paradisíaca é elemento primário para compreender a narrativa de Caminha. As mulheres na beleza natural foi o elemento chave para encantar os olhos dos recém chegados portugueses.

3. DAS ‘VERGONHAS’

Um fator relevante na observação d'A *Carta* de Pero Vaz de Caminha é a forma obsessiva com que o escrivão trata das genitálias, ou melhor, das *vergonhas* indígenas: “Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrissem as vergonhas” (1996, p. 33). A cintilação do real emoldurou a visão de Pero Vaz de Caminha. O espasmo, o maravilhamento criou uma desconexão com o real, sem estruturação semântica. O que se pode pensar é que o real se apresentou para o escrivão da frota portuguesa no interior e exterior de si. A partir daí houve o nominalismo. Foi de essencial atitude dar nomes ao esplendoroso mundo que se lhe apresentava.

Para além de uma simples observação, encontramos nas descrições das *vergonhas* duas possibilidades de leituras. A primeira é observação dos órgãos genitais masculinos: “Então estimaram-se de costas na alcatifa, a dormir, sem buscarem maneira de cobrirem suas vergonhas, as quais não eram fanadas” (CAMINHA, 1996, p. 37). A descrição de Caminha revela um elemento religioso: *fanada*, quer dizer circuncidada. Isto em primeiro estágio já revelaria que aquele povo achado não era mouro nem judeu. Sobretudo mouro, uma vez que estes se constituíam uma ameaça à coroa portuguesa naquele período.

A segunda possível leitura da nudez indígena é a observação prazerosa e atraente, a partir de suas descrições meticolosas: “E uma daquelas moças era toda tingida, de baixo a cima daquela tintura; e certo era tão bem-feita e tão redonda, e sua vergonha (que ela não tinha) tão graciosa, que as muitas mulheres da nossa terra, vendo-lhe tais feições, fizera vergonha, por não terem a sua como ela” (CAMINHA, 1996, p.40-1).

Os adjetivos são longamente usados para demonstrar a sensualidade das mulheres nativas. O que tinha de beleza ali aos olhos do homem português — representado pelos navegantes diante dos índios — era comparavelmente mais agradáveis à vista do que a beleza íntima da mulher portuguesa. Esta atitude representa uma ação usual no

comportamento do viajante: o fato de comparar o velho com o novo. Este jogo de diferença dá ao que é narrado, uma estrutura de artefato, uma vez que a comparação mata o sujeito e o transforma em objeto. “Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos, compridos pelas espáduas, e suas vergonhas tão altas, tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as muito bem olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha” (CAMINHA, 1996, local citado).

O olhar é janela para o desejo. O maravilhamento de Caminha e conseqüentemente de seus companheiros se dá na beleza e afeição da genitália da mulher indígena que se lhes apresentava. As narrativas de viagem elaboram fatos que não necessariamente tenham ocorridos, mas sua descrição é tal qual a realidade que se supõe que estes viessem a acontecer. Daí as descrições das nativas indígenas se imiscuírem naquilo que podemos nomear de maravilhamento, pois “aquilo que realmente aconteceu vai estar subordinado à coerência do relato, ao arranjo lingüístico, estabelecendo uma nova ordem entre o fato e versão” (SANTANA, 2007, p.73).

A descrição do que é visto perpassa pelo aspecto semiológico. A palavra terá uma função de dar sentido ao que é observado e a partir disso, os símbolos planarão sobre a razão para informar ao outro, o maravilhoso e estranho achado. Por outro lado, as razões econômicas do reino se expandiam sob o emblema da fé e o “imaginário dos navegadores vinha impregnado do espírito de cobiça por aquilo que os lugares achados podiam proporcionar para o enriquecimento da Coroa” (Idem, 2007, p. 79). Não há limite para a ânsia da descoberta ou, quem sabe, dessa viagem pelo que lhe é estranho. Isso é próprio do ser humano, o desafio, o encontro com novas formas e até a surpresa do imaginável.

As anotações, as explorações do olhar — que inquire a mente e dá ao que se nomeia uma aparente lógica — estão intimamente ligadas à estrutura das narrativas de

viagens. Toda tentativa de relatar o que os olhos vêem é na verdade uma possibilidade de conhecer a si mesmo. Quando o homem se descobre, é que se inicia a viagem, porém no plano do paraíso religioso não há viagem, pois o homem está completo.

A mentalidade do *Paraíso Terreal* está presente n'A *Carta* e junto com esta concepção a inocência e sensualidade que se idealizavam naquelas mulheres. “Idealizações, estas, de que seria como um ‘negativo’ fotográfico este nosso mundo entorpecido e incolor, e em que parecia ganhar atualidade histórica a possibilidade de remissão” (HOLANDA, 2004, p.191).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Advindos de uma sociedade pautada em valores cristãos, a nudez seria uma atitude pecaminosa e condenável para os primeiros portugueses que aqui aportaram. Porém, mesmo com a prerrogativa da religiosidade européia, *as vergonhas* das mulheres indígenas eram tais quais obras de arte. A apreciação despontava para o imaginário de mundo novo de remissões e prazeres, porém carente de *virtudes cristãs*. O alumbramento que os navegantes tiveram ao conhecer a natureza e os habitantes deste *paraíso terreal* se expõe no transcurso da narrativa d'A *Carta*. O outro surge como necessitado de uma *civilização* e carente de elementos religiosos que somente os europeus dispunham.

Depois de encontrar a terra com seres edênicos, a metáfora de que o paraíso poderia ser aqui, desponta aos olhos dos viajantes; pois assim o narrador d'A *Carta* nos revela, dando ênfase ao comportamento do nativo que aqui encontrara. Entretanto, tempos depois, a imagem da simplicidade indígena se transformará em *ardil selvagem*.

“Com a conquista e colonização, perdurará a idéia da natureza incontaminada, enquanto a imagem do ‘outro’ se irá degradando progressivamente, até pela resistência oferecida ao programa de assimilação” (SIMÕES, 1985, p.14). E ainda podemos encontrar narrações como a de Gândavo:

Esses índios são de cor baça e cabelo corredio; têm o rosto amassado e algumas feições dele à maneira de chins. Pela maior parte são bem dispostos, rijos e de boa estatura; gente muito esforçada e que estima pouco morrer, temerária na guerra e de muito pouca consideração. São desagradecidos em grã maneira, e mui desumanos e cruéis, inclinados a pelejar e vingativos em extremo. Vivem todos mui descansados sem terem outros pensamentos senão comer, beber e matar gente, e por isso engordam muito, mas com qualquer desgosto tornam a emagrecer. (2004,134-5).

O que no início era inocência, transforma-se em perigo *pecaminoso*. Dóceis, mansos e ingênuos, a visão de indígenas que os primeiros portugueses tiveram quando chegam às terras do Brasil, foi mudada por agressivos, desagradecidos e indolentes pelos posteriores cronistas. O Discurso religioso e altamente impregnado pela cultura eurocêntrica é prestigiado em detrimento de uma imagem do outro como diferente, como novo. Revela, assim, a falta de alteridade e compreensão por parte dos europeus que encontraram e descreveram em suas crônicas as terras do além mar.

Os predicativos destinados aos índios teriam uma progressão — desde o primeiro contato até os textos dos cronistas que se propuseram a descrever o Brasil —, de seres edênicos até pessoas desprovidas de humanidade, ou até duvidando que esses homens e mulheres nativos fossem humanos.

Sendo assim, a chegada dos portugueses no Brasil é, a princípio, uma junção de mundos. De um lado as sombras medievais de rígida religiosidade e do outro o descortinar do humanismo na era moderna. A princípio a nudez e inocência indígena

deram aos portugueses uma concretização do Paraíso, porém a assimilação da fé cristã pelos nativos era prerrogativa essencial para que esse *Éden* fosse explorado.

ABSTRACT: This essay intends to discuss the reports made on Indians' nakedness in Pero Vaz de Caminha's *Letter* and its similarity with the meaning of 'world' - concept in transformation - that was in the Portuguese imaginary during the 16th century. The conception of an idyllic seductive land and, at the same time, of the Christian moral sense crash into these cultures meeting: the European culture and the Brazilian Indian's culture at the discovery moment. However, in spite of the Indians' beauty description, the necessity of teaching religious precepts to 'the other' appears in an obsessive form in Caminha's report and this attracts us as readers of a contemporary age in transformation.

KEYWORDS: faith, 'the other', nakedness

REFERÊNCIAS

BORNHEIM, Gerd. A descoberta do homem e do mundo. In: NOVAES, Adauto (org). *A descoberta do homem e do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.17-53.

CAMINHA, Pero Vaz. A Carta. In CASTRO, Silvio. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Porto Alegre: L&PM, 1996.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. *A Primeira História do Brasil – História da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

GONZALEZ, Justo L. *E até os confins da Terra: uma história ilustrada do Cristianismo*. V.7. São Paulo: Vida Nova, 1995.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

OVIEDO, José Miguel. El descubrimiento y los primeros testimonios: la crônicas, el teatro evangelizador y la poesia popular. In: *História de la literatura hispanoamericana: 1. De los orígenes a la Emancipación*. Madrid: Alianza Editorial, 1995. Cap. 4, p. 71-122.

SANTANA, Évila de Oliveira Reis. O maravilhoso e o alumbramento nas narrativas de viagem: a Carta de Caminha e os Récits de Cartier. *Canadart XIV: Revista do núcleo de estudos canadenses – Universidade Estadual da Bahia*, Salvador, nº14, p.69-78, dez. 2007.

SIMÕES, Manuel. *A literatura de viagens nos séculos XVI e XVII*. Lisboa: Editorial Comunicações, 1985.